

CADERNO DE RESUMOS



XIII MINIENAPOL DE HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

*

CEDOCH

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
EM HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA

<http://cedoch.fflch.usp.br/>

2021

Sumário

Resumos.....	4
A Metalinguagem e as Terminologias para a Descrição Sintática na História da Gramática: um escrutínio historiográfico.....	5
Prisciano e os Modistas em Portugal: os <i>Notabilia Alcobacenses</i>	6
A Didatização da Gramática Brasileira: Aspectos Formativos.....	7
Mais sobre as Fontes do <i>Mémoire</i> de Saussure.....	8
Percurso Historiográfico acerca do Uso.....	9
de Abonações Literárias na Gramaticografia.....	9
Brasileira do Português dos Séculos XIX e XX.....	9
Do padrão europeu à norma-padrão brasileira: um estudo da tensão entre as prescrições normativas e os usos efetivos na língua escrita culta contemporânea brasileira no século XX.....	10
De la antropología a la lingüística: la incorporación del estructuralismo em los estudios sobre lenguas indígenas en Argentina.....	11
Origens e Classes Germânicas no <i>Mithridates</i> (1809) de Johann Christoph Adelung (1732-1806).....	12
Amélia Mingas e uma História Linguística Transatlântica do Português em Angola.....	13
Caminhos da Sociolinguística Histórica Brasileira: uma historiografia de comunicações orais.....	14
Gramatização da Colocação Pronominal em Gramáticas Brasileiras Oitocentistas.....	15
Estudo dos Manuais de Linguística.....	16
Utilizados no Brasil entre 1990 e 2010.....	16
Contrastes na Historiografia Linguística Brasileira: A Evidência do Feminino.....	17
Aspectos sintáticos e prosódicos do sistema de pontuação: análise historiográfica dos primeiros séculos de gramatização portuguesa.....	18
Paradigmas, linhas, escolas: problemas de classificação dos estudos linguísticos (1848-1886).....	19
A Sala de Aula no Texto Gramatical: análise de duas edições da <i>grammatica nacional</i> de Caldas Aulete (1864, 1885).....	20
Purificação e Mediação no Curso de Linguística Geral (1916) de Ferdinand de Saussure.....	21
A Sociolinguística Histórica Brasileira no pós-1980 e a Recepção das Teorias de Contato: Estudo Comparativo entre Guy (1981), Tarallo (1986) e Naro & Scherre (1993).....	22
A metodologia da História oral e a memória como categoria de análise para a Historiografia Linguística.....	23
As Línguas Indígenas na Formação em Letras e Linguística no Brasil (1960-2010): Contribuições para uma Historiografia a partir da Configuração Curricular dos Cursos de Graduação.....	24
A obra de Manoel Alvarez (1594) e.....	25
João Rodriguez Tçuzu (1604).....	25
Tratamento dos Prefixos de Polidez nas Gramáticas sobre a Língua Japonesa Elaboradas por Estrangeiros entre os Séculos XVII e XIX.....	26

Resumos dos Convidados.....	27
Mais questões que ainda persistem em Historiografia Linguística.....	28
<i>Optime docuit Donatus</i> : Prisciano discípulo de Donato?.....	29
O Discurso e a Metalinguagem da Antiguidade Clássica em Fernão de Oliveira.....	30
Os Mithridates de Gessner (1555) e Adelung (1806-17): O Inventário Linguístico e a concepção de <i>Dados</i> da Língua como Objeto de Estudo.....	31
Uma Breve História da Lexicografia Angolana.....	32
A Perspectiva Africana da Obra Nova da Língua Geral de Mina, de Antonio da Costa Peixoto (1731 e 1741).....	33
A Literatura na História da Gramática no Brasil.....	34
Sir William Jones, a Paternidade da Linguística, e a Mudança Cognitiva.....	35
Vocabulário Descolonial da História Linguística Transatlântica.....	36
Languages, science and globalization in the 18th century.....	37

Resumos

A Metalinguagem e as Terminologias para a Descrição Sintática na História da Gramática: um escrutínio historiográfico

Rogério Augusto Monteiro Cardoso (CEDOCH, doutorado)

Esta pesquisa insere-se na área de Historiografia Linguística e tem como objetivo precípua analisar e interpretar a metalinguagem e as terminologias sintáticas constantes nas gramáticas portuguesas dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, bem como elaborar, para cada um dos autores estudados, uma tabela sinótica do seu léxico especializado. Como as gramáticas portuguesas são herdeiras inequívocas da gramática grega (VIEIRA, 2018), o horizonte de retrospecção da pesquisa tem de ir até os primórdios da área, no século II a.C., quando surgiu a pioneira Τέχνη Γραμματική (Tékhnē Grammatikē), de Dionísio Trácio. A despeito desse elo epistemológico, a hipótese aqui aventada é a de que o modelo sintático utilizado pela Sintaxe Tradicional, baseado no binômio sujeito-predicado, não é uma herança direta da gramática grega, mas uma criação posterior baseada em categorias trasladadas da Lógica. Por meio do modelo de camadas (SWIGGERS, 2005), é possível apontar continuidades e descontinuidades entre as obras analisadas, que podem se diferenciar quanto aos seus fundamentos (camada teórica), à sua metalinguagem (camada técnica), aos seus dados linguísticos (camada documental) e ao seu contexto histórico (camada contextual-institucional). O foco da pesquisa incide, evidentemente, sobre a metalinguagem. Ao cabo, demonstra-se que as categorias de caso greco-latinas – nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo – não só tinham a função de indicar as flexões nominais nas línguas clássicas, como também faziam as vezes do que se convencionou chamar hodiernamente de termos da oração. Tempos depois, quando o pensamento gramatical português passou a operar sobre suas próprias bases, tais categorias greco-latinas foram abandonadas em prol de um modelo sintático de base lógico-relacional.

Palavras-chave: Historiografia; Linguística; Gramática; Sintaxe; Terminologia

Prisciano e os Modistas em Portugal: os *Notabilia Alcobacenses*

Alessandro Beccari (UNESP-Assis e CEDOCH)

Segundo Fernandes (2017), os livros didáticos para o ensino do latim utilizados na Idade Média em Portugal eram, em grande parte, os mesmos do resto da Europa: a *Arte menor* de Donato (c. 350 EC), o *Doctrinale Puerorum* (c. 1199) de Alexandre Villa Dei (c. 1175-1240/1250), as *Institutiones grammaticae* de Prisciano (c. 525 EC), a *Summa super Priscianum* de Pedro Helias (fl. 1130/40-depois de 1166) e o *Catholicon* de João de Gênova (c. 1286). As artes de Donato representavam o material didático básico com que se ensinavam as partes do discurso e a morfologia. As elaborações mais avançadas sobre sintaxe presentes no *Sobre a construção* (*De constructione*) – livros XVII e XVIII das *Institutiones grammaticae* de Prisciano – também eram estudadas nas escolas portuguesas da Baixa Idade Média (c. 1250-1450). Já a sintaxe modista ou especulativa aparece em Portugal nos *Notabilia Alcobacenses* (1427) do aragonês Juan Rodríguez de Caracena (séc. XV), um monge do Mosteiro de Alcobaca. Os *Notabilia Alcobacenses* são um tratado dirigido a níveis avançados de ensino do latim; neles, Caracena discute teorias medievais desenvolvidas a partir de Prisciano, como as da supracitada *Summa super Priscianum*, de Pedro Helias. É a respeito da presença de Prisciano nos *Notabilia Alcobacenses* que nos debruçaremos. Nesse sentido, apresentaremos alguns resultados de pesquisas pós-doutorais feitas na Biblioteca de Reservados da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Portugal, no início de 2020, sob supervisão do Professor Doutor Gonçalo Fernandes, que representa parte de nosso atual estágio pós-doutoral, sob supervisão da Professora Doutora Olga Coelho, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo. Veremos que o tratado medieval português aqui analisado é fiel à concepção platônico-aristotélica da linguagem como meio de expressão de um conteúdo mental (SWIGGERS, 2004, p. 127-128). Discutiremos as possíveis continuidades, descontinuidades (KOERNER, 1989) e inovações dos *Notabilia Alcobacenses*.

Palavras-chave: Prisciano. Modistas. Gramática Especulativa. Portugal. *Notabilia Alcobacenses*.

A Didatização da Gramática Brasileira: Aspectos Formativos

José Bento Cardoso Vidal Neto (CEDOCH)

As análises das fontes que compõem o presente trabalho apontam para duas características marcantes da produção linguística brasileira do início do século XX: (i) sua divisão em três programas de investigação (Swiggers, 1981, 1987, 2004): o gramatical, o filológico e o dialetológico e (ii) o crescimento das obras de caráter monográfico e das gramáticas escolares. De acordo com nossa hipótese, tal crescimento alterará o papel central que a gramática tinha até fins do século XIX, fazendo com que ela se torne uma obra de viés mais escolar, deixando, assim, para as obras monográficas, a discussão linguístico-gramatical mais aprofundada, dirigida aos especialistas da área, aos pares. Nos limites desta apresentação, nos deteremos apenas à produção gramatical escolar, que, neste trabalho, foi dividida em três grupos: gramáticas completas escolares, obras escolares de temas gramaticais específicos e livros didáticos de Português, que, juntos, somam 239 obras frente a 161 não escolares. Uma explicação de ordem contextual que nos ajudou a explicar o aumento das produções gramaticais escolares foi a estruturação e ampliação do Secundário, o que gerou grande demanda por materiais específicos, promovendo, assim, maior especialização na produção destinada a esse nível de ensino. Tal especialização desencadeou o processo que chamamos de didatização da gramática brasileira, que será por nós estudado sob o ponto de vista da camadas do conhecimento linguístico Swiggers (2004). Daremos ênfase à camada contextual, mas apresentaremos também algumas análises a respeito das camadas teórica, técnica e documental. A opção por tal modelo nos permitirá analisar a produção gramatical escolar do início dos novecentos sob dois pontos de vista, um interno à língua e outro externo, avaliando, assim, quais fatores foram mais importantes na formação e consolidação da gramaticografia escolar brasileira.

Palavras-chave: gramaticografia escolar brasileira, ensino secundário, pensamento linguístico brasileiro, século XX.

Mais sobre as Fontes do *Mémoire* de Saussure

Edgard Bikelis (CEDOCH, doutorado)

Apresentaremos parte dos resultados de nossa pesquisa de doutorado sobre a obra de Ferdinand de Saussure (1857-1913) intitulada *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*, publicado em 1879. Mesmo que Saussure seja mormente conhecido, por seus pósteros, como o autor do Curso de Linguística Geral de 1916, em vida seu reconhecimento deu-se, em grande parte, pelo seu magistério e pela publicação deste *Mémoire* (Sanders 2004:2), que trata da reconstrução do sistema vocálico do (proto-)indo-europeu, o idioma, ou conjunto de dialetos, de que descenderiam todas as línguas indo-europeias. Valêmo-nos da metodologia defendida pela Historiografia Linguística; disciplina que, segundo Altman (2012:29), busca “descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.” Conforme Swiggers (2012:43) há três etapas indispensáveis ao trabalho historiográfico: uma heurística, definida pela constituição do corpus de fontes textuais, documentação biográfica e bibliográfica; uma hermenêutica, de interpretação contextualizada desses textos e a busca da relação com outros textos, autores, tradições etc; por fim, uma etapa de escrita da história, em que se busca construir uma narrativa sobre o passado dos estudos linguísticos. Em nossa pesquisa de doutorado, nós nos temos dedicado às primeiras etapas assim definidas, a saber a heurística, em que estabelecemos o texto do *Mémoire* de Saussure a partir de sua primeira edição e, posteriormente, dedicamo-nos à sua tradução. Munidos desses subsídios, investigamos os tipos e fontes do material linguístico empregado por Saussure, bem como a relação entre elas, e o papel delas na formação do autor do *Mémoire*. A partir dessa investigação, podemos tratar da etapa de escrita da história propriamente dita, objetivo final de nossa pesquisa.

Palavras-chave: Saussure; Proto-Indo-Europeu; Vocalismo; *Mémoire*; Linguística Indo-Europeia.

Percurso Historiográfico acerca do Uso de Abonações Literárias na Gramaticografia Brasileira do Português dos Séculos XIX e XX

Gláucia Castro Aguiar Pio (UFPI, doutorado)

Este resumo, referente ao projeto de doutorado, vinculado ao Grupo de Pesquisa *Historiografia (da) Linguística: estudo de fontes pretéritas e contemporâneas*, tem como objetivo construir uma narrativa historiográfica acerca do uso de abonações literárias em instrumentos normativos, para entender como emergiu, desenvolveu e foi consolidada essa prática. A tradição de ensinar por meio da experiência calcada nos clássicos, já entre os gregos, fora tomada como modelo pelos estudos gramaticais vindouros, como afirma Neves (2002). Na gramaticografia portuguesa, quem inaugura a prática da exemplificação da teorização e descrição da língua portuguesa pelo uso de exemplos extraídos de textos literários é Pedro José da Fonseca, em 1799, nos *Rudimentos da grammatica portuguesa, cômodos á instrucção da Mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons Autores*, segundo Leite (2011) e Faraco (2016). Nosso propósito, entre outros, é investigar continuidades e descontinuidades relacionadas ao tratamento dado ao uso de *corpus* de língua literária em diferentes momentos da gramaticografia brasileira oitocentista e novecentista do português com ponto de chegada na primeira edição da *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (1967[1961]). Para tanto, faremos uso da epi-historiografia de Polachini (2018), para compor as fontes do século XIX (Morais Silva, 1806; Fortes, 1816; Costa Duarte, 1829; Coruja, 1835; Costa Duarte, 1859; Bithencourt, 1862; Sotero dos Reis, 1871; Carneiro Ribeiro, 1881; Ribeiro, 1881; Maciel, 1887; Pacheco & Lameira, 1887; Condurú, 1888; João Ribeiro, 1889; Gomes, 1895; Maciel, 1895); e a periodização de Cavaliere (2001), para compor as fontes do século XX (Pereira, 1907; Said Ali, 1920; Nascentes, 1965; Melo, 1970; Rocha Lima, 1957; Bechara, 1961). Perseguimos a ideia de que o pensamento linguístico é um objeto histórico, logo, sujeito às contingências de cada época (SWIGGERS, 2013). A partir de uma pretensa visão panorâmica de cada gramática e a fim de verificar mudanças quanto ao conceito de língua, dados linguísticos do exemplário de cada autor, bem como identificação de norma linguística é que, metodologicamente, faremos uso do modelo de camadas (SWIGGERS, 2020 [2004]), quais sejam: teórica, técnica, documental e contextual. O desenvolvimento desta pesquisa oportunizará lançar luzes sobre a emergência e o desenvolvimento da tradição de ensinar por meio de abonações de autores clássicos.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Gramaticografia; abonações literárias; continuidade e descontinuidade.

Do padrão europeu à norma-padrão brasileira:

um estudo da tensão entre as prescrições normativas e os usos efetivos
na língua escrita culta contemporânea brasileira no século XX

Raimunda da Conceição Silva (UFPI, doutorado)

Faraco (2020), considerando o imbróglio gramatical que envolve o ensino de Língua Portuguesa e as demais práticas sociais de escrita, atesta a urgente necessidade de se desenvolver, no Brasil, um projeto de reconstrução das referências padronizadoras, visando à superação do artificialismo de muitos compêndios gramaticais vigentes. Com base nessas preliminares, pretende-se, nesta comunicação, apresentar a minha proposta de pesquisa de doutorado cujo objetivo é propor uma revisão crítica da norma-padrão em gramáticas brasileiras do século XX, quanto aos temas de *Voz Passiva Sintética* e de *Colocação Pronominal*, estabelecendo um contraponto entre as regras prescritas nos compêndios selecionados e o que é efetivamente praticado na modalidade escrita culta do português contemporâneo brasileiro. Assim, tomou-se como objetos de análise: (i) sete gramáticas brasileiras produzidas no século XX, a saber: Said Ali (1969 [1923]), Silveira Bueno (1968 [1944]), Lima (2014 [1957]), Bechara (2019 [1961]), Melo (1978 [1967]), Luff (2002 [1974]) e Cunha e Cintra (2017 [1985]); e (ii) o *corpus* de língua escrita sobre o português culto contemporâneo no século XX, da UNESP/Araraquara. A fundamentação teórica e as respectivas análises da pesquisa seguirão métodos e propostas interpretativas da Historiografia Linguística, a partir da noção de *dimensões interna* e *externa* (ALTMAN, 1998) e dos princípios da *contextualização* e da *imanência*; além do *argumento da influência* (KOERNER, 2014 [1995]). A *dimensão externa*, em consonância com o princípio da *contextualização*, possibilitará o estabelecimento do *clima de opinião* do período em questão, a fim de resgatar a influência da situação histórica, social, cultural, intelectual etc. aos objetos de análises; e a *dimensão interna*, associada ao princípio da *imanência*, permitirá estabelecer uma compreensão completa dos textos/materiais linguísticos selecionados. O *argumento da influência* será articulado à *contextualização* e se efetivará no momento (i) do estabelecimento do *clima de opinião* que envolve o contexto em que os materiais de análise foram produzidos; (ii) da explicitação da formação intelectual dos autores; (iii) do reconhecimento público, a partir da utilização de referências diretas por determinado autor em relação ao nome dos estudiosos selecionados; e (iv) do estabelecimento da 'possível' rede de influências apresentada pelos gramáticos eleitos. Com esta pesquisa, será possível propor, ainda que de modo inicial, um projeto orientador pautado na observação sistemática da realidade empírica, acolhendo os frutos advindos da norma culta brasileira; e oferecer um material de consulta que possa servir, sobretudo ao professor de Língua Portuguesa, como um meio/possibilidade (dentre tantas), para a compreensão e para abordagem dos tópicos gramaticais selecionados.

Palavras-chave: Gramáticas brasileiras do século XX. Língua escrita culta contemporânea brasileira no século XX. Ensino de Língua Portuguesa. Historiografia Linguística.

De la antropología a la lingüística: la incorporación del estructuralismo en los estudios sobre lenguas indígenas en Argentina

Luisa Domínguez (Universidad de Buenos Aires)

En el marco de la historiografía lingüística, esta contribución se propone analizar un periodo de la historia de la lingüística argentina, 1955-1966, durante el cual las lenguas indígenas comenzaron a ser objeto de interés por parte de los especialistas en las ciencias del lenguaje. Durante la primera mitad del siglo XX, en el ámbito académico, estas lenguas habían sido estudiadas principalmente por antropólogos. En 1955, la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires incorpora a los lingüistas Jorge Suárez y Ema Gregores a la cátedra de Lingüística y, a partir de entonces, las lenguas indígenas pasaron a ser abordadas casi exclusivamente por especialistas en esta disciplina, desde la perspectiva teórica del estructuralismo. De estos años datan registros y descripciones de lenguas que han sido considerados los primeros trabajos “científicos”, en contraste con los aportes del periodo anterior. Concretamente, con esta presentación, a partir del modelo historiográfico de Schlieben-Lange (1993), nos proponemos dar cuenta de las circunstancias institucionales que permitieron la incorporación del estructuralismo en el estudio de las lenguas indígenas en Argentina. A su vez, con el objetivo de indagar en el método de análisis empleado, examinaremos las principales investigaciones del periodo que trabajan desde esta perspectiva. Esto nos permitirá reconocer, por un lado, continuidades y rupturas respecto del periodo anterior y, por el otro, cuáles fueron las instancias que permitieron el pasaje de un análisis antropológico a un análisis lingüístico.

Palabras clave: historiografía lingüística, lenguas indígenas, estructuralismo, ciencias antropológicas.

Origens e Classes Germânicas no Mithridates (1809) de Johann Christoph Adelung (1732-1806)

Rogério Nóbrega (CEDOCH, doutorado)

Ao se investigar a história das classificações (filo)genéticas – ou genealógicas – das línguas, faz-se necessário levantar questões sobre os critérios utilizados por seus proponentes e os objetos exatos da classificação. As respostas a essas questões podem variar consideravelmente não somente em razão do favorecimento a um dado critério linguístico em detrimento de outro, senão porque o objetivo almejado pode ser mais amplo, como, por exemplo, a classificação de povos ou nações, razão pela qual as evidências apresentadas não necessariamente são exclusivamente linguísticas. O início da linguística como disciplina científica geralmente é associado ao início do século XIX, comum e precisamente datado do ano de publicação do *Conjugationssystem* (1816) de Franz Bopp (1791-1867). Tal disciplina, contudo, não surgiu ex nihilo. Se considerarmos a geração imediatamente anterior, um dos nomes cuja expressiva coleção de dados ajudou a impulsionar os avanços empreendidos pela linguística do século XIX foi o de Johann Christoph Adelung (1732-1806). Sua obra se insere no contexto anterior à efetiva demonstração das relações de parentesco das línguas indo-europeias e à descoberta do método comparativo. Com base nos pressupostos da historiografia linguística (SWIGGERS, 2004; 2012; 2017), nosso objetivo nesta comunicação é analisar as propostas de classificação apresentadas por Adelung em seu *Mithridates* (1809) no exemplo do tronco linguístico e étnico germânico, especialmente no que diz respeito às evidências apresentadas e suas fontes. Os critérios para o estabelecimento de suas duas classificações bipartites oscilam entre aspectos geográficos, linguísticos e histórico-etnográficos, de acordo com os quais as classes são explicadas em termos de origens e graus de parentesco entre costumes e línguas. Embora Adelung seja considerado pertencente a uma tradição anterior à linguística do século XIX, critérios como os seus podem ser igualmente observados no período posterior ao início do estudo das línguas “an und für sich [em e por si]”, como preferia Bopp.

Palavras-chave: Classificação de línguas, línguas germânicas, origem das línguas, historiografia

Amélia Mingas e uma História Linguística Transatlântica do Português em Angola

Eduardo Ferreira dos Santos (UNILAB e CEDOCH)

Os estudos na área de Historiografia Linguística, embora diversificados quanto a temática e abordagem escolhidos, ainda são majoritariamente contemplados por uma visão linguística histórica ocidental e sob domínios paradigmáticos tradicionais, em geral, euro-americanos (COELHO & FINBOW, 2020: 62-63), e que acabam por explicitar o pensamento linguístico desse eixo geográfico. Nossa apresentação tem como objetivo contextualizar e analisar um conjunto de trabalhos da linguista angolana Amélia Mingas (1940-2019) que discorrem sobre o estatuto sociolinguístico do português de Angola e que podem nos auxiliar na delimitação de uma história linguística transatlântica (NEGRÃO, 2020; COELHO & FINBOW, 2020). Assim, a partir de um mapeamento preliminar de referências e terminologias presentes nas fontes selecionadas, buscamos examinar a presença de unidades lexicais como “africano”, “angolano”, “variedade”, “dialeto”, “norma”, “língua nacional”, “língua oficial”, “português angolano”, “pretoguês”, “interferência”, “influência”, dentre outras, tomadas como conceitos que passaram por uma ressignificação ao longo da história linguística transatlântica, destacando, portanto, as escolhas ideológicas subjacentes a esses itens lexicais e a sistematização desses construtos para uma historiografia de termos ainda em circulação. Pretendemos contribuir, desse modo, com abordagens que privilegiam novas “ecologias” (Mufwene 2001, 2008) e variedades decorrentes dos processos de colonização e contato linguísticos e colaborar para uma historiografia transatlântica subequatorial e descolonizada.”

Palavras-chave: Historiografia Linguística; História transatlântica; Português de Angola

Caminhos da Sociolinguística Histórica Brasileira: uma historiografia de comunicações orais

Bruno Fochesato Alves (CEDOCH, mestrado)

Esta comunicação pretende apresentar as primeiras etapas de um projeto de mestrado interessado em investigar os caminhos pelos quais a Sociolinguística Histórica participa do que Rosa Virgínia Mattos e Silva (1988: 85 – 113) reconhece por “terceiro momento Linguística Histórica *stricto sensu* no Brasil”, procurando observar que temas, agenda de pesquisa e modos de trabalho poderiam ser associados a essa orientação, com especial atenção para a “pluralidade de abordagens” envolvidas nessa área (MATTOS E SILVA, 1999). Nessa retrospecção a autora procurou reconstruir aquele que teria sido o trajeto histórico da Linguística Histórica no Brasil, selecionando trabalhos que considerou representativos para a área de estudos, discorrendo sobre o que poderíamos considerar como ‘programas de investigação’ (SWIGGERS, 1981a, 1991a, 2005[2004]), 2009) em disputa e discutindo quais os tipos de produção científica estavam em desenvolvimento no campo naquele momento de sua história, bem como, quais seriam suas perspectivas futuras. Acredita-se possível, desse modo, discriminar continuidades e descontinuidades entre as perspectivas apontadas por Rosa Virgínia e Fernando Tarallo (1984: 97), mencionado na exposição da autora, e o desenvolvimento da linguística histórica *stricto sensu* no Brasil de modo a reconstruir os horizontes de retrospecção persistentes nessa especialidade (cf. AUROUX, 1992: 11). Considerando-se estes objetivos, esta apresentação parte de “falas”, posteriormente publicadas, marcantes na história da Linguística Histórica no Brasil e propõe-se a examinar como outras “falas”, atualmente em circulação no ambiente acadêmico brasileiro, podem permitir compreender uma parte recente dos percursos dessa especialidade no Brasil. À vista disso, pretende-se expor o que seria o primeiro levantamento de três conjuntos de materiais: as falas, tomadas como programáticas, de Rosa Virgínia Mattos e Silva e de Fernando Tarallo; palestras, comunicações e mesas-redondas relacionadas ao macroparadigma da Sociolinguística Histórica do evento virtual *Abralin Ao vivo: Linguists Online* e os textos que tais falas, atuais ou mais remotas, situam em seus horizontes de retrospecção.

Palavras-chave: Historiografia; Sociolinguística Histórica; Linguística Histórica

Gramatização da Colocação Pronominal em Gramáticas Brasileiras Oitocentistas

Emily de Medeiros Ferreira (UFPB, mestrado)

Nesta pesquisa, investigamos a emergência e o desenvolvimento do processo de gramatização da colocação pronominal no português em gramáticas brasileiras publicadas no correr do século 19. Para tanto, fundamentamo-nos no domínio da Historiografia da Linguística, nos termos de Koerner (1996; 2014a; 2014b) e Swiggers (2012; 2015; 2019). Além do conceito de gramatização (AUROUX, 1992), partimos das seguintes categorias: retórica (MURRAY, 1994), agenda de pesquisa (SWIGGERS, 2013) e camadas do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2004; 2019). Seleccionamos como fontes primárias 16 gramáticas brasileiras publicadas no século 19, as quais, primeiramente, examinamos em sua imanência e, posteriormente, alinhamos umas às outras a partir de uma linha evolutiva dos estudos gramaticográficos brasileiros em que consideramos os oitocentos mediante divisão em três períodos: período embrionário (1801-1820), período racionalista (1821-1880) e período “científico” (1881-1900). Como resultados, na análise da camada contextual, observamos o atravessamento de diferentes perspectivas sobre a língua; por outro lado, a despeito dos diferentes pressupostos assumidos pelos autores, a gramaticografia brasileira oitocentista é marcada por um propósito pedagógico-normativo que influenciou indiretamente o desenvolvimento da abordagem da colocação pronominal. Já na camada teórica, identificamos, em cada período, uma relativa estabilidade em relação aos pressupostos que fundamentam a constituição das obras. Além disso, as mudanças ocorridas nos conceitos gerais e específicos fundamentam o processo evolutivo de gramatização da colocação pronominal, apesar das divergências por vezes assumidas pelos autores. Quanto às camadas técnica e documental, constatamos que a constituição de regras passou a ter força especialmente no período “científico”; ademais, todas as obras que abordaram esse fenômeno linguístico como tal apresentaram como exemplos frases curtas elaboradas pelos próprios autores. Por fim, observamos que a consolidação do processo de gramatização da colocação pronominal provavelmente se deu no cerne do período “científico”; tal status, porém, foi alcançado gradativamente.

Palavras-chave: Gramatização; colocação pronominal; gramáticas brasileiras; século 19.

Estudo dos Manuais de Linguística

Utilizados no Brasil entre 1990 e 2010

Pedro Henrique (CEDOCH, IC)

Este trabalho de Iniciação Científica tem como objeto de estudo quatro manuais de Linguística utilizados no Brasil, entre 1990 e 2010, como materiais didáticos constitutivos da formação em linguística nas universidades brasileiras. Nessa perspectiva, reconhece-se o lugar de importância que esse tipo de material didático tem no ensino de linguística, ocupando, com maior frequência, as indicações bibliográficas das ementas da especialidade (SUGIYAMA, 2020). As indicações bibliográficas desses documentos universitários mostram a prevalência de manuais, não só gerais como também de subespecialidades (SUGIYAMA, 2020); pretende-se analisar o papel desses textos na perspectiva kuhniana, levando em conta as seguintes questões postas pelo autor: (a) o aparecimento da produção de manuais - em diferentes áreas do conhecimento - significa uma certa estabilidade teórico-metodológica dentro da produção científica, ou, em outros termos, dentro da produção da ciência normal; (b) esses tipos de livros didáticos “começam truncando a compreensão do cientista a respeito da história de sua própria disciplina” e, mesmo que treinem o cientista para adaptar-se a certos paradigmas, constroem uma tradição “da qual os cientistas sentem-se participantes” mas que “jamais existiu” (KUHN, p.84). Diante dessas duas grandes tarefas atribuídas aos manuais e da verificação de que a produção e a adoção de manuais é bastante intensa em Linguística, embora, dentro da historiografia linguística, ainda seja pouco explorada, colocaremos sob investigação as hipóteses de Kuhn. A Iniciação Científica procurará verificar, em corpus específico de manuais, 1) as correntes teóricas predominantes e, conforme Swiggers (2013), aspectos relativos a seu circuito, posição, composição, tonalidade, papel dinâmico, procurando chegar, assim, a um perfil dos textos e do conjunto de conteúdos que privilegiam e 2) interpretar e analisar o modo como esses materiais didáticos lidam com a história da sua ciência, a partir de ênfases, ausências, flutuações verificadas ao se buscar o objetivo enunciado em 1).

Palavras-chave: Manual; Ensino; Historiografia; Linguística; Livro Didático.

Contrastes na Historiografia Linguística Brasileira: A Evidência do Feminino

Júlia Lourenço (UFSCar e CEDOCH)

A partir da "epistemologia do ponto de vista", enquanto possibilidade de categoria interpretativa (HARAWAY, 1988; HARDING, 1993; PAVEAU, 2018) no interior da metodologia da Historiografia Linguística (ALTMAN, 1998, 2012 e 2018), pretendemos nesta pesquisa revisitar alguns dos processos que caracterizaram a implantação da disciplina linguística no Brasil (1968-1988). Um dos objetivos do trabalho é testar a hipótese de que aspectos considerados marginais à prática científica, como o ponto de vista feminino, também moldaram, em alguma medida, os caminhos da pesquisa linguística no país. Pretende-se, portanto, redimensionar o papel do sujeito feminino nos processos de cientificação e profissionalização das ciências da linguagem no Brasil a partir da análise historiográfica (notadamente das contingências externas desta produção) dos trabalhos publicados por essas gerações. Nosso objetivo não é questionar a relevância das pesquisas que homens desenvolveram na Linguística brasileira, nem contrariar o trabalho historiográfico que, até o momento, não considerou o gênero como categoria analítica. A presente pesquisa é orientada pelo interesse em traçar e compreender a atuação feminina, tanto na construção de práticas sociais relativas ao trabalho científico, quanto na construção de uma memória dessas práticas.

Palavras-chave: Historiografia Linguística. Linguística brasileira. Mulheres na ciência. Epistemologia do ponto de vista. Feminismos.

Aspectos sintáticos e prosódicos do sistema de pontuação: análise historiográfica dos primeiros séculos de gramatização portuguesa

Mariana Maris Ramos Lima (UFPB)

A normatização contemporânea da pontuação em gramáticas tradicionais brasileiras, erigida predominantemente a partir de conceituações prosódicas e regras de uso sintáticas (cf. MARIS, 2019), evidencia um conflito conceitual que remonta ao desenvolvimento histórico do sistema de pontuação ocidental: a natureza das relações entre fala e escrita representadas pelos sinais que o constituem. Partindo desse problema teórico e fundamentando-se no conceito de gramatização de Auroux (2014), a pesquisa de doutorado apresentada nesta comunicação se propõe a investigar as dimensões sintáticas e prosódicas do sistema de pontuação normatizado em instrumentos linguísticos portugueses (gramáticas e tratados ortográficos) datados dos séculos XVI, XVII e XVIII. Para tanto, o trabalho, situado na Historiografia da Linguística (cf. SWIGGERS, 2019), respalda-se nos princípios da contextualização, da imanência e da adequação (cf. KOERNER, 2014), a fim de: contextualizar a normatização da pontuação nas obras analisadas quanto às perspectivas teóricas dos gramáticos e ao clima de opinião de cada período histórico; analisar a categorização da pontuação no interior da sinopse gramatical que organiza a distribuição dos fenômenos linguísticos abordados em cada obra; identificar, interpretar e inter-relacionar os aspectos sintáticos e prosódicos que condicionam as definições, as funções e as regras de uso dos sinais de pontuação. Dado o estágio inicial da pesquisa, esta comunicação opta por focalizar o processo de construção do objeto e dos problemas investigativos que alicerçam o trabalho aqui proposto, bem como discuti-los preliminarmente a partir do levantamento bibliográfico até o momento realizado. Tal levantamento permite vislumbrar o ponto de partida e o horizonte de restrospecção (cf. AUROUX, 2014) dos saberes historicamente construídos sobre o sistema de pontuação em relação ao recorte temporal a ser investigado, sugerindo que, desde a escrita medieva ou os primeiros gestos de gramatização do português, já se inferem confluências entre sintaxe e prosódia nos usos e na normatização da pontuação.

Palavras-chave: Pontuação. Sintaxe. Prosódia. Gramatização portuguesa. Historiografia da Linguística.

Paradigmas, linhas, escolas: problemas de classificação dos estudos linguísticos (1848-1886)

Éverton Mitherhofer (UFPR, mestrado)

Esta comunicação discorrerá sobre as diferentes formas de classificação de linguistas e grupos de linguistas atuantes na segunda metade do século XIX. Essas divergências parecem se dar a partir de diferentes valores atribuídos pelos historiógrafos. Koerner (1989) identifica na obra de August Schleicher a presença de conceitos essenciais aos Jovens Gramáticos. A partir disso, Koerner se vale da filosofia da ciência de Thomas Kuhn para defender a existência de um paradigma contínuo entre eles. Amsterdamska (1987), assim como Koerner, questiona se a ruptura social entre Schleicher e os Jovens Gramáticos resultaria necessariamente numa ruptura científica. Porém, questiona a aplicabilidade do conceito de paradigma, preferindo a terminologia "escola de pensamento" para a sua análise. Leroux (2007) recorre à filosofia da ciência de Imre Lakatos para explicar as mudanças cognitivas ocorridas no período. Collinge (1995), por sua vez, prefere o uso do termo linha (*strain*) para classificar os tipos de abordagens de modo mais geral, sem negar a possibilidade de combinações de mais de uma linha. O objetivo da comunicação é ressaltar a relevância dos componentes filosóficos, metodológicos, cognitivos e sociais para o estudo das relações entre linguistas e grupos de linguistas seguindo o exemplo já mencionado da passagem de Schleicher aos Jovens Gramáticos, bem como o da controvérsia sobre as leis sonoras entre 1885-1886.

Palavras-chave: Filosofia da linguística. Sociologia da linguística. Historiografia linguística. Século XIX.

A Sala de Aula no Texto Gramatical: análise de duas edições da grammatica nacional de Caldas Aulete (1864, 1885)

Bruna Polachini (FEUSP e CEDOCH)

Francisco Júlio Caldas Aulete (1823-1878), cujo sobrenome é conhecido até os dias de hoje devido ao enorme sucesso do dicionário que idealizou, escreveu também livros didáticos que alcançaram prestígio no século XIX: *Selecta Nacional: curso pratico de litteratura portugueza* (1875-77), a *Cartilha Nacional: methodo legographico para aprender simultaneamente a ler, escrever, ortographar e desenhar* (1870) e a *Grammatica Nacional* (1864). Todos, de acordo com Boto (2004), apresentam notável preocupação com o êxito no processo de ensino-aprendizado. Em sua gramática, é evidente que ele guia o professor pela mão, dizendo como ele pode apresentar, explicar e coordenar exercícios em sala de aula sobre cada capítulo da obra. Nesta comunicação, analiso duas edições da *Grammatica Nacional* de Aulete, a primeira de 1864 e a décima primeira, já póstuma, de 1885. Tanto os exercícios como parte da descrição linguística são modificados entre as edições, assim, procuro observar a evolução da obra no tempo, seja pela inserção de novos elementos didáticos para a formação de exercícios, seja pela adaptação de Aulete às novas ideias linguísticas relacionadas ao método histórico-comparativo que foram se tornando cada vez mais relevantes em Portugal ao longo da década de 1870. Para tanto, a metodologia de análise deste trabalho fundamenta-se, para a compreensão da descrição linguística, nas camadas de Swiggers (2004), a fim de distinguir e observar aspectos teóricos, técnicos, documentais e contextuais das diferentes edições. Ademais, para a análise dos frequentes exercícios apresentados na obra, utilizo reflexões e classificações de Swiggers (1990, 2012, 2019) a respeito do ensino de línguas e da formação de exercícios. Objetivo, desta forma, compreender a visão gramatical acentuadamente pedagógica de Caldas Aulete e sua evolução no tempo.

Palavras-chave: Século XIX; Gramáticas do Português; Didática.

Purificação e Mediação no Curso de Linguística Geral (1916) de Ferdinand de Saussure

Felipe Prais (CEDOCH, IC)

Este projeto de Iniciação Científica propõe um estudo de Historiografia Linguística sobre as operações de purificação e mediação na epistemologia do "Curso de linguística geral" (1916) de Ferdinand de Saussure (1857-1913), a partir de um referencial teórico essencialmente ancorado no ensaio de Antropologia simétrica "Jamais fomos modernos" (1991) de Bruno Latour. Como um dos principais documentos da Linguística moderna, o "Curso", apócrifo editado de forma póstuma a partir de anotações de alunos que frequentaram os cursos ministrados por Saussure, é uma das caixas-pretas da área: extremamente influente, muitas das suas ideias se tornaram parte "normal" da ciência da língua e estenderam seu alcance a todo o campo das ciências humanas com o paradigma estruturalista, apesar de sua origem e sua autoria contestadas e de suas flutuações conceituais; assim, para compreendê-la, além de escrutiná-la, é necessário tomá-la em seus contextos de produção e recepção. Apoiando-se, também, nos "Escritos de linguística geral" (2002), coletânea de manuscritos que abriram um debate histórico acerca de um "pseudo-Saussure", mediado pelos editores, e um "Saussure autêntico", em sua forma pura, esta pesquisa busca combinar uma análise de aspectos dessa história externa à organização interna do "Curso", enfatizando a teorização linguística que contém, a fim de compreender os fundamentos modernos e não-modernos, nas acepções de Latour (1991), que parecem ter moldado o campo até os dias de hoje, tanto em sua autonomização quanto em suas aberturas interdisciplinares. Pretende-se complementar, de um ponto de vista interno, a leitura de um Saussure purificador, que permeou a recepção obra, com sua face mediadora, por vezes menos destacada, e avaliar, de um ponto de vista externo, a que aspirações de um clima intelectual de época esse jogo de narrativas pode ter servido, iniciando, em última análise, um diálogo com a Antropologia de Bruno Latour no âmbito da Historiografia Linguística.

Palavras-chave: Epistemologia; Linguística moderna; "Jamais fomos modernos"

A Sociolinguística Histórica Brasileira no pós-1980 e a Recepção das Teorias de Contato:

Estudo Comparativo entre Guy (1981), Tarallo (1986) e Naro & Scherre (1993)

Wellington Santos da Silva (UFRJ)

Desde o seu florescimento, a principal preocupação da Sociolinguística Histórica brasileira tem sido a investigação das origens do português brasileiro (PB). Nesse domínio, são frequentes trabalhos que sustentam a hipótese de que as grandes diferenças observadas entre o PB e o português europeu (PE) podem ser atribuídas ao contato da variedade brasileira com línguas indígenas e africanas (SANTOS DA SILVA, 2020). Entretanto, tal qual atestam estudos historiográficos, a hipótese do contato nem sempre foi um debate pacífico no Brasil. Pelo contrário, parece ser possível dizer que, até os anos 1980, as teorias e práticas linguísticas do mainstream foram ancoradas na veemente negação do impacto das línguas africanas e indígenas sobre o PB (cf. BORGES, 2015; SILVA, 2016). Entretanto, com o surgimento da Sociolinguística Histórica, passam a ser consideradas novas linhas de argumentação, como a proposta de Guy (1981), cujo argumento central é que o PB – mais especificamente, o português popular brasileiro – poderia ser considerado fruto de um processo inicial de crioulização, com posterior descrioulização. Tal perspectiva, no entanto, foi fortemente criticada por outros sociolinguistas, como Tarallo (1986) e Naro & Scherre (1993), os quais, embora não negassem as especificidades do PB, problematizavam a análise de crioulização/descrioulização proposta por Guy (1981). Para Tarallo (1986), as mudanças do PB seriam caracterizadas como mudanças sintáticas aleatórias, ao passo que, para Naro & Scherre (1993), as mudanças poderiam ser atribuídas à deriva linguística. Neste trabalho, argumentamos que o debate estabelecido entre as três pesquisas tinha como problema central a definição de língua crioula, questão assaz explorada no cenário linguístico internacional daquele momento. Assim, com base no exame das capas teórica e técnica (SWIGGERS, 2004) dos três trabalhos aqui explorados, esta pesquisa visa mostrar como a Linguística brasileira, considerada uma Linguística de Recepção (BATISTA, 2007), absorveu os debates em torno das teorias de contato linguístico.

Palavras-chave: contato linguístico; crioulização; Sociolinguística Histórica; capas do conhecimento linguístico

A metodologia da História oral e a memória como categoria de análise para a Historiografia Linguística

Meryane Oliveira (UFPI, doutorado) e
Marcelo dos Anjos (UFPI)

Nesta comunicação, buscamos apresentar algumas de nossas reflexões acerca do uso da metodologia da História oral em pesquisas historiográficas. A História oral consiste em uma metodologia voltada para a realização de entrevistas gravadas. Estas visam testemunhar acontecimentos da história contemporânea, apoiando-se, para tanto, em fontes cujo suporte são as lembranças de indivíduos. A referida metodologia toma por base uma memória coletiva, isto é, o resultado de experiências que podem ser utilizadas como fontes históricas. Essa metodologia acaba se configurando como um componente interessante para um empreendimento historiográfico. Partindo disso, nesta comunicação, pretende-se apresentar a História oral como uma metodologia de pesquisa adequada aos estudos em Historiografia Linguística, bem como a memória, entendida como uma categoria de análise que, conjuntamente com os princípios característicos da área, evidenciam a importância do método e das propostas interpretativas para a área da HL. Para o desenvolvimento desta proposta, o estudo baseia-se nas ideias de Halbwachs (1990), Le Goff (1990), Portelli (1997), Cruikshank (2006), Ferreira e Amado (2006), Lozano (2006) e Cavaliere (2013). Busca-se, com o desenvolvimento do trabalho, evidenciar pertinência da metodologia da História oral para o historiógrafo da Linguística que, ao fazer uso desta metodologia, pode conceber seu objeto de estudo por meio da memória dos seus informantes, sendo, nesse caso, a memória uma instância reguladora e norteadora das reflexões históricas. Desse modo, a categoria memória poderá auxiliar as análises de uma pesquisa, na medida em que permite o resgate das lembranças dos indivíduos investigados.

Palavras-chave: História oral. Memória. Historiografia Linguística.

As Línguas Indígenas na Formação em Letras e Linguística no Brasil (1960-2010): Contribuições para uma Historiografia a partir da Configuração Curricular dos Cursos de Graduação

Ênio Sugiyama (UFOB e CEDOCH)

Este trabalho busca explorar a presença das línguas indígenas na formação ofertada pelos cursos de graduação em Letras e Linguística no Brasil entre 1960 e 2010. Altman (1998), ao estudar o processo de institucionalização da Linguística no Brasil, mostrou como o estudo das línguas indígenas desempenhou um papel relevante para a constituição da identidade do grupo de especialidade dos linguistas. Outros mapeamentos realizados pelo Centro de Documentação em Historiografia Linguística- USP como os de Altman et al (1995), Coelho (2020) e Oliveira (2021) também mostraram como as línguas indígenas foram tomadas como objetos de investigação dos trabalhos apresentados no Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo- GEL e em trabalhos de pós-graduação na área de fonética e fonologia. Buscando contribuir com os esforços já realizados pelo grupo, foram tomadas como fonte informacional o banco de dados constituído por Sugiyama (2020) a partir das grades curriculares de cursos de graduação em Letras e Linguística de universidades brasileiras implementadas entre (1960-2010). O mapeamento contemplou 7.427 componentes curriculares de 115 currículos de cursos de Letras ofertados por 52 universidades federais e, ainda, 740 componentes curriculares presentes em 19 currículos de 4 cursos de graduação em Linguística. Percebeu-se que os componentes curriculares relacionados às línguas indígenas foram majoritariamente optativos e foram ofertados em currículos de cursos de Letras produzidos depois dos anos 2000 e ofertados por instituições da região Norte e Centro Oeste. Em relação aos cursos de Linguística, somente a UNICAMP inclui componente obrigatório associado especificamente às línguas indígenas. Ainda que em um número não expressivo em relação ao conjunto total dos dados, é possível afirmar que as línguas indígenas alcançaram um nível de institucionalização que assegurou sua existência como componente curricular na formação de alguns cursos de Letras e Linguística no Brasil.

Palavras-chave: ensino de Linguística, linguística brasileira, historiografia do ensino de linguística

A obra de Manoel Alvarez (1594) e

João Rodriguez Tçuzu (1604)

Rodrygo Tanaka (UFAM e CEDOCH, doutorado)

Podemos determinar que a primeira gramática de autoria europeia que comenta a língua japonesa foi o “*De institvzione grammatica libri tres coniugationibus accessit interpretario Iapponica*” de Manoel Alvarez (1526-1583), impresso no ano de 1594 na cidade de Amakusa. Essa obra é uma reimpressão com traduções e comentários sobre a língua japonesa do estudo originalmente publicado em Lisboa no ano de 1574 sobre a língua latina. Porém, foram com os estudos de Pe. João Rodriguez Tçuzu (1558?-1634?) que tivemos os primeiros estudos gramaticais em que a língua japonesa é o centro de estudo: A “*Arte da lingoa de Iapam*” de 1604 e a “*Arte Breve da Lingoa Iapoa*” de 1620. As obras de Rodriguez se tornaram de extrema importância já que, por meio desses estudos, muitos europeus puderam continuar a produção de estudos sobre a língua japonesa mesmo durante o período de isolamento nipônico (1633-1853) mas a relação entre Rodriguez e Alvarez não é amplamente estudada. Esta comunicação tem como objetivo apresentar algumas relações observadas entre essas duas obras. Por meio dessa análise tentaremos identificar as mudanças de uma retórica de continuidade (conservação) para uma retórica revolucionária (mudança) como proposto por Murray (1994). Também utilizaremos a metodologia proposta por Swiggers (2010) de dividir as análises em quatro dimensões: teórica, técnica, documental e contextual/institucional.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Linguística Missionária, Língua Japonesa

Tratamento dos Prefixos de Polidez nas Gramáticas sobre a Língua Japonesa Elaboradas por Estrangeiros entre os Séculos XVII e XIX

Olívia Nakaema (Inst. Singularidades, Chapel School, CEDOCH; doutorado)

O objetivo deste trabalho é analisar o tratamento dos prefixos que expressam polidez na língua japonesa em gramáticas escritas por estrangeiros entre os séculos XVII e XIX. Neste trabalho, limitamo-nos à área de tipo terminológico, investigando a história dos modelos do tratamento da polidez na língua japonesa a partir do exame do tratamento dos prefixos de polidez. Nas Artes elaboradas por missionários no século XVII e XVIII, nota-se que esses prefixos eram descritos com a função de atribuir polidez ao substantivo a que se juntava. Porém, em algumas gramáticas do século XIX da atualidade, esses prefixos deixaram de ter o sentido de respeito, mas passaram a ser uma mera expressão de ornamento (em japonês, *bikago*). Desse modo, optamos por analisar nosso objeto por meio de um modelo metodológico descritivo-explicativo em quatro camadas, proposto por Swiggers (2004 [2003], 2019), dando ênfase neste trabalho à ‘camada’ técnica. Desse modo, analisamos a terminologia empregada para o tratamento da polidez. Nas gramáticas escritas por missionários, como nas *Artes* de João Rodrigues (1604-08 e 1620), a polidez era vista como uma forma de falar “elegante” que deveria ser aprendida pelos missionários que se dedicassem ao trabalho de conversão religiosa. Nesse contexto, o uso de prefixos expressava polidez, e o domínio do seu uso por estrangeiros missionários era de extrema importância. Com o passar do tempo, porém, como podemos notar nas gramáticas analisadas, o prefixo deixou de ser descrito como expressão de polidez e passou a ser apresentado como mero ornamento, um enfeite. Em suma, neste trabalho, investigamos a mudança no tratamento dos prefixos de polidez nas gramáticas japonesas do século XVII ao XIX, à medida que há também uma mudança linguística no seu emprego.

Palavras-chave: Historiografia Linguística; Língua Japonesa; Polidez; Prefixo de polidez; *Bikago*.

Resumos dos Convidados

Mais questões que ainda persistem em Historiografia Linguística

Cristina Altman
(CEDOCH- DL/USP)

Além das questões já clássicas apontadas por E. F. Konrad Koerner, no seu texto de 1995 — *Persistent issues in Linguistic Historiography*, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins — nomeadamente: os princípios gerais da HL; as questões da influência e da metalinguagem na prática historiográfica, a presente fala sugere, ainda, outras questões que têm recorrido nas discussões entre os pesquisadores do CEDOCH. Dentre elas, destaca-se a questão da autonomia e da interdisciplinaridade em HL; a questão da exaustividade das fontes; a questão da formação do historiógrafo e das várias portas de entrada para a especialização em HL.

Optime docuit Donatus: Prisciano discípulo de Donato?

Fabio Fortes
(Universidade Federal de Juiz de Fora)

Tendo sido produzida em Constantinopla, a obra de Prisciano pode ser compreendida como uma confluência entre a tradição grega de estudos gramaticais – nomeadamente a obra de Herodiano e de Apolônio Díscolo – e a tradição artigráfica latina. No que diz respeito aos seus modelos ocidentais, Prisciano teria tido acesso à obra de Donato (século IV d.C.), a quem se refere, pela primeira vez na tradição gramatical, como um *auctor Latinitatis*, condição análoga àquela conferida aos autores canônicos da literatura latina, como Virgílio e Salústio. Por essa razão, o gramático de Constantinopla tanto cita a obra de Donato, considerado como uma autoridade gramatical (*Optime docuit Donatus*, GL 3.91.20; *De quibus sufficienter Donatus docet*, GL 3.354.20), quanto, indiretamente, se apropria de seus exemplos e explicações, como em GL 3.109.5; 3.110.23; 3.113.3; 3.113.9; 3.113.16; 3.113.20; 3.114.3, entre outros. Nesta fala, temos como objetivo analisar as referências indiretas a Donato presentes nessas passagens em que explicações e exemplos de Donato, originalmente usados para explicar vícios e virtudes da linguagem, são apropriados pelo gramático de Constantinopla em um enquadre teórico diverso, o de descrever o funcionamento sintático da língua latina. Por conseguinte, de forma ampla, pretendemos colaborar para compreender a recepção da gramática latina ocidental no âmbito das reflexões gramaticais de Prisciano, buscando traçar os limites entre essa tradição para o projeto linguístico de Prisciano.

O Discurso e a Metalinguagem da Antiguidade Clássica em Fernão de Oliveira

Fernanda Cunha (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA)

Discutiremos como Fernão de Oliveira se posiciona em relação à tradição gramatical que o precede. Avaliaremos como o autor parte de discussões sobre a linguagem para relacionar língua à política econômica e de expansão territorial de Portugal, então em processo de afirmação. Para isso, com base em estudiosos do tema na atualidade, analisaremos alguns trechos da obra, os quais abordam temas relacionados à fonética, ao léxico e à comparação entre português, latim e grego, além de citações de gramáticos latinos. Pretendemos evidenciar, assim, a originalidade da obra, pautada no uso, distante da norma prescritiva habitual. Concluimos que o que se destaca nesta análise é o diálogo travado com os textos e autores clássicos; o que se estende até a atualidade e, por isso, torna seu estudo ainda muito relevante para a compreensão do desenvolvimento do pensamento sobre a linguagem.

Os Mithridates de Gessner (1555) e Adelung (1806-17): O Inventário Linguístico e a concepção de Dados da Língua como Objeto de Estudo

Gissele Chapanski (FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ)

A discussão linguística nas primeiras décadas do século XIX congrega uma ampla série de valores epistemológicos e modelos cognitivos (MORPURGO-DAVIES, 1992). Nesse cenário, de 1806 a 1817, são publicados os quatro volumes do *Mithridates*, de Adelung e Vater. A obra é fundamentalmente uma compilação de dados linguísticos representados por diversas traduções da oração do *Pai nosso* e de outros textos curtos, poemas e listas de palavras traduzidas. Na constituição desse conjunto, empregam-se fontes anteriores: de gramáticas elaboradas por missionários a dados inéditos, como os apurados por Alexander von Humboldt para línguas ameríndias (METCALE, 2013). Pertencente ao gênero *collectanea*, a estrutura e o modelo compositivo desse *Mithridates* nada têm de novos; filiam-se antes a uma vasta tradição enciclopedista pliniana de base categorizadora e compilatória, que encontra, a partir do século XVI, espaço mais significativo no âmbito dos estudos linguísticos justamente a contar de um outro *Mithridates*, o de Conrad Gessner. A natureza compilatória dessas obras homônimas faz com que, de fato, guardem várias semelhanças entre si. Contudo, apesar de ser um formato bastante revisitado, o inventário de itens linguísticos não se constitui de mera forma textual naturalizada e, portanto, repetida sem maiores razões epistemológicas. A observação das motivações, métodos e critérios constituintes desses dois *Mithridates* leva a conceber uma distinção essencial entre ambas. Ao contrário do que se flagra na postura polímata de Gessner, na obra de Adelung e Vater a coleta e a compilação de elementos linguísticos não se prestam apenas a fins tipológicos, etnológicos, históricos e filosóficos, mas sobretudo ao estabelecimento de um método de estudo do desenvolvimento das línguas e sua classificação genealógica. Adelung deixa explícita uma categorização particular na classificação das línguas, esforçando-se para dividi-las entre mono ou plurissilábicas, por exemplo. Para tanto, remete ainda de quesitos geográficos, que remontam aos enciclopedistas da Antiguidade e são amplamente explorados na tradição anterior de catálogos linguísticos. Contudo, já é possível afirmar que, sob a abordagem verificada em seu *Mithridates*, o elemento linguístico emerge da condição de item de coleção (objeto fim), como se vê em Gessner, para a de dado (objeto meio), uma guinada epistemológica que refletirá diretamente na linguística posterior. Esta apresentação terá como intuito justamente pontuar e analisar aspectos relevantes dos inventários linguísticos dos séculos XVI a XIX (particularmente os dois *Mithridates* aqui abordados) e seu papel na formação do pensamento linguístico posterior.

Uma Breve História da Lexicografia Angolana

Gonçalo Fernandes (UTAD / CEL)

Este trabalho é uma primeira tentativa para uma panorâmica geral das principais obras lexicográficas escritas por missionários do Padroado e leigos portugueses no atual território de Angola (África Ocidental), desde o início da colonização portuguesa até à sua independência em 1975. A atual República de Angola compreende antigos reinos autóctones, nomeadamente os reinos de Lunda, Kongo, Matamba, Ngola-Ndongo e Benguela, entre outros. Angola tem quase 50 línguas nativas e apenas uma como língua oficial, o português. As línguas mais estudadas ou descritas pelos portugueses foram, primeiro, o Kimbundu e, mais recentemente, o Umbundu e o Nhaneca, mas o primeiro dicionário de uma língua bantu foi escrito em meados de 1648 por capuchinhos italianos e espanhóis auxiliados pelo sacerdote secular português-congolês mestiço Manuel de Roboredo (mais tarde, Francisco de São Salvador, O.F.M.Cap., m. 1665). Além disso, o italiano Bernardo Maria [Cassaro] da Canicattì, O.F.M.Cap. (1749-1834) merece ser destacado, dado que é ele quem, no início do século XIX, reinicia a descrição linguística das línguas angolanas. Por outro lado, após o (nunca assumido) "restabelecimento" das ordens religiosas em Portugal (ca. 1870), a província portuguesa da Congregatio Sancti Spiritus (C.S.Sp.) [Congregação do Espírito Santo] foi formada (1867) principalmente por causa da evangelização de Angola. De facto, os dicionários mais relevantes foram escritos pelos Padres do Espírito Santo [João] Albino Alves [Manso] (1908-1956) (Kimbundu, 1951), António Joaquim da Silva (1909-1995) (Nhaneca, 1966), Grégoire Le Guennec, C.S.Sp. (1875-1960) e José Francisco Valente (1912-1993) (Umbundu 1972). No entanto, existem também trabalhos linguísticos relevantes de leigos, tais como o médico brasileiro Saturnino de Souza e Oliveira (1820-1871) e o jornalista e poeta angolano Joaquim Dias Cordeiro da Matta (1857-1894) para o Kimbundu, e o militar português Henrique Augusto Dias de Carvalho (1843-1909) para a língua Lunda ou o Cokwe.

A Perspectiva Africana da Obra Nova da Língua Geral de Mina, de Antonio da Costa Peixoto (1731 e 1741)

Ivana Stolze Lima
(Fundação Casa de Rui Barbosa/CNPq)

A Obra nova da língua geral de mina deu forma escrita a práticas dialógicas características da escravidão na área mineradora, na primeira metade do século XVIII. Em um contexto em que a violência da escravização era permanentemente tensionada por diferentes formas de resistência e enfrentamento, a língua geral de mina se tornou corrente entre uma população escravizada e liberta de maioria africana. Através de uma releitura fina dos manuscritos, referenciada pelo conhecimento linguístico sobre o complexo gbe e pela extensa historiografia sobre os povos oriundos da Costa da Mina, buscarei trazer à luz o processo de tradução empreendido pelos africanos escravizados no movimento de estabelecer contatos e vínculos, agir politicamente, e afinal, fazer uso da linguagem como elemento central da vida social. Categorias sociais, espaciais, religiosas e familiares – como o homem branco, a senhora branca, o filho do homem branco, a terra de branco, o deus dos brancos, entre outros exemplos – lidas a partir das expressões mina (hihabou, hihabouce, hihabouby, hihabouthome, hihabouvodum), são indícios de um esforço de compreensão e elaboração simbólica acerca da realidade a que estavam forçados.

A Literatura na História da Gramática no Brasil

José Edicarlos de Aquino (Universidade Federal do Tocantins)

Um lamento que tem reverberado na área de Letras é a ausência de diálogo entre os pesquisadores da linguística e da literatura. A História das Ideias Linguísticas se apresenta como um campo em que essa ponte pode ser plenamente construída, uma vez que ela compreende que a reflexão sobre a linguagem não é matéria exclusiva do linguista, tendo suas fontes em muitos meios, entre eles a produção literária. Já sabemos que, pelo menos no ocidente, a literatura é um guia das discussões teóricas no momento da fabricação de instrumentos linguísticos, isto é, da gramatização das línguas (AUROUX, 1992). Considerando, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, a gramática com uma ferramenta da linguagem que comporta uma dimensão técnica e uma dimensão político-histórica (AQUINO, 2020), procuramos entender a presença da literatura na produção gramatical brasileira, mais especificamente nas gramáticas brasileiras do fim do século XIX. Assim, buscamos analisar, nos exemplos gramaticais, que é o lugar privilegiado de entrada da literatura nas gramáticas, a que escritores os gramáticos brasileiros delegam a responsabilidade de ilustrar a língua, bem como para que questões os escritores e obras literárias são chamados. Relacionado a isso, um outro item de análise é a forma como os gramáticos se referem aos escritores e o peso que dão a eles no momento de trabalhar as questões da linguagem. Essa seleção - e exclusão - de obras e autores tem efeitos sobre a variedade linguística que é selecionada como modelo pelos gramáticos brasileiros e que passa a ser significada como “a” língua portuguesa no Brasil. Basta dizer que quase todos os escritores que aparecem citados nas gramáticas brasileiras são portugueses. Nossas análises recaem inicialmente sobre a *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro (1881), e a *Grammatica Analytica*, de Maximino Maciel (1887).

Sir William Jones, a Paternidade da Linguística, e a Mudança Cognitiva

Márcio Renato Guimarães

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

A narrativa de que Sir William Jones tem a primazia da descoberta da relação entre o sânscrito e as demais línguas indo-europeias (Amsterdamska, 1989: 32), que o seu discurso pode ser considerado o protomanifesto da linguística comparativa (Formigari, 2004: 134), ou mesmo que é o descobridor do método da linguística comparada (Bengtson & Ruhlen, 1997: 3) e que por isso pode ser considerado o “pai da linguística” (Cannon, 1990), parece ser tão pervasiva quanto é equivocada. Uma parte desse equívoco já era conhecida pela tradição historiográfica desde os seus primórdios. Benfey (1869) já havia listado os autores que, muito antes de Jones, haviam reconhecido algum parentesco entre o sânscrito e as línguas clássicas da Europa, além de ter ressaltado a contribuição dos demais integrantes da Asiatick Society, inclusive a primazia de Halhed na identificação do parentesco. Devemos a Campbell o trabalho mais completo de desmistificação, que demonstra que não só Jones não antecipa em nada o método histórico comparativo, como suas etimologias são bastante ruins, e que seu trabalho deve ser melhor situado dentro do “biblical framework” de sua época. Nesse sentido, longe de ser o primeiro representante de uma nova época, o trabalho que ele desenvolve ao longo dos sete discursos proferidos perante a Sociedade representam uma das últimas instâncias da *Histoire de Babel*, sendo mais fortemente tributário do que Guimarães (2021, a sair) identifica como perspectiva da sincronização com a historiografia eclesiástica do que muitos autores do século XVIII foram (como Leibniz ou Herder). Porém, mesmo a narrativa historiográfica moderna sobre o “nascimento da linguística” entende o descobrimento do parentesco das línguas indo-europeias como emergindo da comparação entre dados linguísticos (primeiro lexicais, depois dos sistemas gramaticais). A rigor, no entanto, a noção do parentesco entre línguas e povos antecede histórica e epistemologicamente a mera confrontação dos dados linguísticos. A “orientação pelo dado” de Morpurgo-Davies não é uma precondição natural nesse processo, tendo surgido ela mesma de uma importante mudança cognitiva cuja história ainda não foi propriamente contada. Para entender melhor esse processo histórico e cognitivo, cremos ser crucial o abandono dessa perspectiva historiográfica “dos antecedentes”, corolário da “história monumental” de Nietzsche (*apud* Borges, 1989).

Vocabulário Descolonial da História Linguística Transatlântica

Olga Coelho
(CEDOCH-DL/USP)

Apresento proposta de pesquisa em que pretendo selecionar e contextualizar documentos potencialmente relevantes para a compreensão da história dos estudos linguísticos transatlânticos, reunindo-os numa bibliografia crítica a se difundir, além de examinar, do ponto de vista da Historiografia Linguística, conceitos e termos nos quais o conhecimento sobre história linguística transatlântica tem se apoiado. *História linguística* é entendida como história das línguas e dos grupos humanos que as moldam e utilizam em diferentes períodos e contextos, e *espaço transatlântico*, como o que resulta de relações que envolvem, prioritariamente, África, América e Europa. O exame de conceitos e termos procura colocar em operação o que Swiggers (2010) denomina “parâmetros classêmicos” para a análise da terminologia linguística. O pano de fundo da proposta é instigar a reflexão sobre usos da (meta)linguagem, lidando com um eixo que vai do eurocêntrico ao descolonial. Na apresentação, pretendo examinar específico fragmento dos *Estudos Lexicográficos do Dialeto Brasileiro* (1874-1890), de Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905), para exemplificar a abordagem que desenvolvo.

Languages, science and globalization in the 18th century

Rebeca Fernández
(University of Amsterdam)

Asia, America, and Europe have been intellectually intertwined for centuries. Recent years have seen a number of important studies revealing the interest of European scholars in the ‘exotic’ languages of Asia and America. Some scholars were interested in those languages in an attempt to construct a universal language; others were trying to establish language families and patterns. The German polymath Gottfried Wilhelm Leibniz (1646–1716) wrote his *Dissertatio de arte combinatoria* as a first step to the perfect language based on combinations of a limited number of basic concepts. The present paper analyzes the emergence, dissemination, and consequences of compiling 18th-century multilingual wordlists for comparative purposes designed by European scholars, and subsequently elaborated by missionaries and scientists in the Philippines and the Americas. I will describe and analyze this unified and philosophical project, started by Russian Empress Catherine II and inspired by the general ethnolinguistic ambition of Leibniz, and how these lexical lists contribute substantial information on the languages and cultures described in the late eighteenth century.